

Ajuda japonesa não subiu de valor em iene

Philippe Pons

Le Monde

TÓQUIO — Um dos eixos do que os japoneses chamam de “doutrina Takeshita”, sobre o papel de seu país no cenário mundial, é a ajuda pública para o desenvolvimento que o primeiro-ministro acaba de prometer será ampliada tanto quantitativa como qualitativamente.

O Japão tornou-se o primeiro supridor de ajuda, logo depois dos Estados Unidos, e poderia até superá-los este ano com uma contribuição de mais de US\$ 10 bilhões. Em 1987, a ajuda externa japonesa foi de US\$ 7 bilhões, 25% mais do que no ano precedente.

O impressionante aumento da ajuda externa japonesa deve-se em grande parte à valorização do iene em relação ao dólar nos dois últimos anos. Avaliada em ienes, a progressão é menos espetacular: 4,8% em 1986, 5,8% e 6,4% nos dois anos seguintes, o que explica que, apesar do aumento em dólar, a ajuda externa permanece em cerca de 0,3% do Produto Interno Bruto japonês.

Além disso, o Japão permanece em 15º lugar numa lista de 18 países que dão ajuda para o desenvolvimento, atrás da Noruega e da Holanda, que proporcionalmente dão entre quatro e cinco vezes mais auxílio ao Terceiro Mundo.

No ano fiscal de 1988, que começou a 1º de abril, a generosidade japonesa se reflete nos números do orçamento: a ajuda externa será de 6,4% e inclui a chamada *ajuda reticente* (todos os créditos, mesmo os financiamentos privados), totalizando US\$ 10,8 bilhões, o que tornará o Japão o maior supridor de auxílio externo do mundo.

Os objetivos do terceiro plano de ajuda externa japonesa são dobrar o auxílio concedido em 1985 para US\$ 7,6 bilhões em 1990. No período 1986-1992, o Japão terá concedido US\$ 40 bilhões. O governo japonês atingirá este objetivo dois anos antes do previsto graças à valorização do iene, mas não parece claro se a relação ajuda/PNB aumentará substancialmente. Tóquio, além disso, dá prioridade aos grandes projetos de infraestrutura que raramente beneficiam as populações mais pobres do Terceiro Mundo e a divisão geográfica de sua ajuda é desproporcional, privilegiando a Ásia (70%). A política japonesa de ajuda externa é também falha em termos estruturais, o que muitas vezes dificulta o entendimento com os governos beneficiados.